

**Passeio Cultural -Um Pé na História
Turismo e Cultura pelas Ruas da Cidade de Torres-RS¹**

Prof. Ms. Roni Carlos Costa Dalpiaz²
Prof^a Ms. Alexandra Marcella Zottis³
Universidade Luterana do Brasil Campus Torres – ULBRA
Curso de Turismo

Resumo

O presente artigo apresenta um exemplo concreto de valorização da cultura local e sua influência no desenvolvimento turístico de uma cidade. Neste trabalho é apresentado o projeto Passeio Cultural – Um pé na história, desenvolvido durante os meses de janeiro e fevereiro de 2008 na cidade de Torres-RS. O projeto envolve a criação e implantação de uma caminhada cultural pelas ruas da cidade destinada a turistas, veranistas e moradores locais, mostrando através de quatro atrativos a história da cidade e suas lendas.

Palavras-chave: Turismo; Cultura; Patrimônio; atrativos turísticos.

Introdução

A atividade turística passa necessariamente pela questão da cultura local e regional, compreendendo suas peculiaridades, admirando sua complexidade e estimulando a participação da comunidade. O fundamento do turismo cultural é o elo entre o passado e o presente, o contato e a convivência com o legado cultural, com tradições influenciadas pela dinâmica do tempo e com as formas expressivas reveladoras do ser e fazer de cada comunidade. O turismo cultural abre perspectivas à valorização e revitalização do patrimônio, da (re)significação das tradições, da redescoberta de bens culturais materiais e imateriais, muitas vezes abafadas pela concepção moderna.

Segundo Primo (1999), o turismo cultural tem por objetivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos e exerce um efeito realmente positivo sobre estes tanto quanto contribui para satisfazer seus próprios fins, a sua

¹ Trabalho apresentado ao GT 13 Turismo e Patrimônio Cultural do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, dias 27 e 28 de Junho de 2008.

² Mestre em Administração e Marketing (UCES- Buenos Aires- AR). AR). Bacharel em Administração de Empresas. Especialista em Educação e Hotelaria. Coordenador do Curso de Turismo da Ulbra (Torres). *E mail:* roniprofessor@gmail.com

³ Mestre em Turismo (UCS). Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas e Jornalismo, e em Direito. Professora dos cursos de Turismo da Ulbra (Torres) e Centro Universitário Feevale (NH). *E mail:* alexandraz@feevale.br

manutenção e proteção. Esta forma de turismo justifica, de fato, os esforços que tal manutenção e proteção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios sócio-culturais e econômicos que comporta para toda a população implicada.

Nesta mesma linha de pensamento a história e o turismo se completam, apesar de suas diferenças estruturais, ambos tem vínculos muito estreitos, destaca Ruschel (2004). Na Europa este tipo de turismo é o mais explorado, pois o passado convive harmoniosamente com o presente. Castelos, muralhas, igrejas e ruínas todos fazem parte da história e atraem pessoas de todos os cantos do mundo, porque a cidade de Torres não poderia se valer de mais este potencial turístico? Ruschel (2004) fala em seu livro que Torres tem um turismo diferente de mar e paisagens, mas que não deveria se contentar apenas com isso devendo criar outras condições culturais para aumentar o contingente de atrativos.

Desta forma, Torres possui vários espaços que poderiam se tornar atrativos dentro da concepção de turismo cultural. Alguns já possuem uma preparação minimamente adequada à visitação. Porém, grande parte ainda precisa ser preparada para então ser oferecida de forma correta ao melhor proveito dos turistas e da própria comunidade. Neste caminho, a universidade ULBRA, através do curso de Turismo, aspira participar ativamente deste contexto cidade, comunidade, turismo e universidade promovendo mudanças que beneficiem a todos.

O projeto Passeio Cultural concretiza esta idéia de interação e transformação, oferecendo um passeio pela história da cidade através de prédios e ruas históricas e em contato com os moradores locais. Isto faz do caminhar uma oportunidade a mais para que o visitante/turista/morador conheça o lugar com mais encanto e profundidade, pois passeia pelas ruas dispondo de tempo para admirá-la.

1 Cenário

Torres faz parte da região denominada Litoral Norte do Rio Grande do Sul e por pertencer a esta área no estado tem como principal foco o turismo de sol e mar. Este tipo de turismo é sazonal e dura, na melhor das hipóteses, três meses por ano. No restante do ano a cidade procura alternativas para a *sobrevivência* e se prepara, por longos meses, para a próxima temporada.

A cidade de Torres possui diversos atrativos e alguns produtos turísticos que são utilizados pelos moradores locais e pelos turistas e veranistas que por aqui passam durante a alta temporada (dezembro a fevereiro). Destes produtos turísticos podemos destacar o Parque

da Guarita onde estão dois dos três grandes rochedos de origem vulcânica que deram nome a cidade. O Parque da Guarita foi projetado pelo arquiteto Burle Max e pelo ecologista José Lutzemberger e é um dos lugares mais visitados pelos turistas além, é claro, das praias da cidade: praia grande, praia do meio (prainha), praia da cal, praia da guarita e praia da Itapeva. Todas ficam no perímetro urbano, sendo a praia da Itapeva a mais afastada do centro da cidade. Além do Parque da Guarita e das praias, a cidade de Torres possui outros atrativos que são o Morro do Farol, a Lagoa do Violão, os Molhes do Mampituba e a parte histórica da cidade, foco deste trabalho.

A Freguesia das Torres cresceu no entorno da Igreja matriz São Domingos onde já estava a casa número um que pertencia ao alferes Manoel Ferreira Porto. Duas ruas, a De Cima e a De Baixo, cortavam perpendicularmente a vila e ligavam o norte ao sul do estado, pois não existia outro meio de se fazer este trajeto devido às condições dos terrenos e as dificuldades da serra geral. Como evidenciado, a parte histórica da cidade de Torres é onde surgiu o núcleo urbano e suas ruas primeiras e ao longo das quais foram construídas as casas e o comércio local.

2 Escolha dos Elementos

Torres sempre soube destacar seus principais atrativos, levando muito longe o nome da cidade, porém não se pode falar o mesmo quanto a sua história e seu patrimônio histórico cultural. Além de não possuir leis que amparem e preservem o seu patrimônio, a cidade e o poder público nada fazem para evidenciá-los ou torná-los produtos turísticos, o que em tese os preservaria. Há cada dia que passa mais vulneráveis estão as casas de estilo colonial dos primeiros moradores, que aos poucos vão sendo demolidas para dar espaço a algum prédio *moderno*.

Por isso a escolha do cenário foi muito direta: não existe na cidade de Torres nada mais original e peculiar que o centro histórico. E, ao mesmo tempo em que esses lugares são destacados, são repassadas informações, divulgando a importância deste patrimônio para a cidade, despertando no morador, no veranista e no turista a consciência da valorização da cultura local.

Os lugares escolhidos foram os seguintes:

1. Casa Número 1;
2. Igreja Matriz São Domingos;

3. Casarios da Rua de Baixo (Atual Júlio de Castilhos);
4. Lagoa da Vila (Atual Lagoa do Violão)

Cada lugar foi escolhido devido a sua importância no contexto da cidade e, também, a fatos que vincularam personagens da história a sua existência. Assim, foram pinçados estes personagens para serem protagonistas deste trabalho:

1. Dom Pedro I (Imperador do Brasil);
2. Padre Giusepe Lomonaco (vigário da paróquia de São Domingos);
3. Maria José (Descendente de Açorianos – Moradora Local);
4. Ocarapoti (Índia da Tribo dos Carijós).

Destaca-se que esses personagens foram interpretados por acadêmicos do Curso de Turismo, que orientados por professores realizaram uma pesquisa de dados históricos para referenciar as informações que são repassadas aos participantes do passeio.

2.1 Descrição dos lugares e dos personagens

Lugar: Casa Número Um⁴

A casa de estilo colonial com aproximadamente 204 anos, fica situada na praça Coronel Severiano Rodrigues da Silva, quase ao lado da matriz São Domingos. Acredita-se que esta casa foi construída pelo fundador e primeiro morador da cidade de Torres: o Alferes Manoel Ferreira Porto. A casa abrigou a família do alferes e sua descendência até o século XX.

Esta casa hospedou por duas noites o Imperador Dom Pedro I, em 05 e 25 de dezembro de 1826, durante a guerra da Cisplatina na fronteira do Uruguai.

Personagem: Imperador Dom Pedro I

Dom Pedro conta a história da casa e do seu morador Alferes Manoel Ferreira Porto e sua importância para a cidade de Torres. Relata, também, a história sobre sua passagem pela cidade e suas conseqüências.

Lugar: Igreja Matriz São Domingos

A igreja Matriz da cidade foi construída por vontade do Alferes Ferreira Porto com o

⁴ Informações extraídas do livro de Ruy Ruben Ruschel, *Torres Tem História*, citado nas referências.

consentimento do Bispo Dom José Caetano da Silva Coutinho em 1824. A igreja foi construída sem torre e ficou assim até que o padre Lomonaco a construiu em 1898, ficando assim com apenas uma torre até os dias de hoje. Padre Lomonaco foi o vigário que mais tempo permaneceu na cidade, mais de um quarto de século nos anos de 1822 a 25, sendo até vereador. Nasceu na Itália e lá se tornou padre veio para Torres ser vigário da nova paróquia. Morreu aos 90 anos e por incrível que possa parecer teve duas filhas. Foi enterrado no cemitério do morro do farol e quando este foi desativado seus restos mortais foram colocados na torre que construiu, onde permanece até hoje.

Personagem: Padre Giuseppe Lomonaco

O padre conta a história da igreja, sua torre e sua própria trajetória como sacerdote passeando pelas escadarias e pelo interior da igreja.

Lugar: Rua de Baixo

A rua de Baixo, hoje rua Júlio de Castilhos, foi caminho dos índios carijós e dos primeiro viajantes que por aqui passaram. As primeiras casas foram construídas as margens deste caminho e que por sua importância na cidade virou a principal rua. Muitos dos casarios coloniais açorianos ainda permanecem ao longo da rua e podem ser apreciados pelos turistas e moradores. Outros já não existem mais ou foram totalmente desfigurados pelas reformas neles aplicadas. Esses casarios foram construídos com pedras extraídas da praia do Farol, rejuntadas com barro e cal de sambaquis, madeiramento de lei tirado das matas que então existiam na Praia da Cal e ao redor da Lagoa do Violão. Entre elas destacam-se: O sobradoque foi de Amândio Torres, em frente à escada centra que desce da Matriz; o casarão que foi de Balbino Luiz de Freitas, número 679; a casa que foi de Caetano Pacheco de Freitas, moradia e cartório, número 727; A casa número 739 que foi de Manoel José de Mattos, antigo intendente de Torres; a casa que foi de José Krás Borges ex-prefeito, número 761; a casa que foi de Edílio Porto, número 773, descendente do fundador de Torres; casa número 801, que foi de Caetano Ferreira Porto Sobrinho; e número 838 está a casa que foi de Elói Krás Borges, o acendedor de lampiões.

Personagem: Maria José, moradora local

Maria José é uma personagem fictícia que simboliza uma moradora típica do lugar. Ela mostra os casarios antigos e fala sobre a rua de baixo.

Lugar: Lagoa da Vila

A Lagoa do Violão está encravada no centro da cidade e é um dos cartões postais. Ela foi incluída neste passeio por ser um belo lugar e ainda possuir uma lenda que vale a pena ser contada. A lenda fala sobre um marinheiro português (Puiara) salvo de um naufrágio com o seu violão e que depois de viver um ano com os índios acabou sacrificado num ritual antropofágico. Ocarapotí, inconformada pela morte do rapaz, chorou tanto que morreu afogada em suas próprias lágrimas, que formaram, magicamente, a lagoa que tem os contornos do instrumento musical.

Personagem: Índia Ocarapotí

A índia fala sobre a Lenda da Lagoa do Violão e apresenta a versão científica da formação da lagoa.

3 Implantação

O projeto foi criado em função da necessidade de valorizar o patrimônio histórico e cultural da cidade de Torres. Os casarios estão em estado precário de conservação, alguns até já foram demolidos ou reformados sem o menor compromisso com a história. A igreja matriz São Domingos está em piores condições e corre risco de interdição, pois suas vigas de madeira estão tomadas de cupim e seu reboco está caindo em placas devido às infiltrações.

A visibilidade do projeto através da imprensa e dos passeios propriamente ditos tem como objetivo voltar o foco para estas relíquias históricas despertando o interesse das autoridades e da comunidade à importância da preservação e conservação do patrimônio da cidade. Objetiva, também, o despertar do interesse pela história, costumes e lendas da cidade e utilizá-los como atrativos ao turismo, consolidando através do passeio.

A forma de implantação foi bem simples: um passeio pelas ruas da cidade. Neste passeio as pessoas podem ver, sentir e participar da vida da cidade e interagir com os personagens.

O projeto consiste em um passeio guiado por um(a) professor(a) pelas ruas mostrando história e cultura da cidade de Torres e sua passagem no tempo. Nos locais de visitaçao, há a participação de acadêmicos do Curso de Turismo, que interpretam os personagens.

Este passeio parte sempre do QG da Ulbra no centro da cidade, com um grupo de no máximo 15 pessoas e no mínimo cinco. Tem como primeira parada a Casa número 1, onde Dom Pedro I pernoitou. Chegando lá, o grupo é recepcionado pelo imperador, que conta um pouco da sua experiência como hóspede e a história da casa. Logo, ele convida e conduz o

grupo a visitar a Igreja Matriz São Domingos.

Nesse segundo ponto, os participantes são recepcionados na porta principal pelo Padre Lomonaco, que conta a história da igreja e sua passagem no tempo. Após, o Padre acompanha o grupo pelas escadarias até a rua de Baixo (Júlio de Castilhos) e passa pela parte histórica da cidade falando sobre a história e costumes da época da construção destes casarios centenários. Os personagens levam o grupo até o ponto final que é a Lagoa do Violão (na praça dos escoteiros) onde encontram a índia Ocarapoti que conta a lenda da lagoa e encerra o passeio oferecendo água a todos.

O passeio pode ser estendido até outro ponto ou voltar ao QG da Ulbra. O passeio ocorre à tarde (18h), com duração de 2h30min, todas as sextas-feiras durante a temporada de verão. A divulgação é feita nas terças e quintas-feiras, através dos mesmos alunos que participam como personagens, nas ruas da cidade e na orla, em horários alternados, manhã e tarde. A participação é gratuita.

Resultados

O passeio foi realizado durante os meses de janeiro e fevereiro do ano de 2008, durante a alta temporada da cidade de Torres-RS. O funcionamento do passeio ocorreu dentro dos parâmetros traçados e trouxe retornos positivos para todos os sujeitos envolvidos.

Os turistas, veranistas e a comunidade tiveram uma oportunidade única de conhecer a história da formação do núcleo urbano da cidade e interagir com os personagens que fizeram esta história. As pessoas ficavam tão envolvidas que sentiam a necessidade de perpetuar o momento através de fotografias com os personagens. Como mostra do interesse do público participante, além da história previamente apresentada, os personagens tiveram que contar sempre um pouco mais devido a curiosidade de alguns. Uma demonstração da interatividade se deu durante a apresentação de um casario, quando uma pessoa de dentro da residência interrompeu e contou a sua versão sobre um fato não muito bem explicado pela história. Em outro momento, uma cena inusitada: um morador local tocava calmamente o seu violão na porta do antigo casario enquanto a Maria José (personagem da moradora local) explicava sobre a origem da rua e de seus casarios.

Além destes casos, alguns improvisos foram necessários. Durante um dos passeios formou-se uma grande tempestade e a atividade foi interrompida, com as pessoas sendo convidadas a entrarem na igreja, onde encerraram a participação com aplausos. As condições

climáticas adversas foram um dos grandes complicadores, provocando diversas improvisações. Durante uma das edições, ao passar pela prefeitura a chuva aumentou fazendo com que o grupo se protegesse em uma marquise onde a índia Ocarapoti encenou sua apresentação e encerrou o passeio.

Este projeto foi o início de um olhar mais apurado para a história de um lugar. Foi lançada uma semente que recebeu adubo e água da comunidade, dos turistas e veranistas e dos acadêmicos e professores envolvidos. Agora, este trabalho será continuado e fortalecido com mais ações voltadas à valorização da história e do patrimônio cultural da cidade de Torres.

Referências⁵

PRIMO, Judite. Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais - Organização e Apresentação. Cadernos de Sociomuseologia/ nº 15, Págs.153-156; ULHT, 1999; Lisboa, Portugal. / Tradução de Judite S. Primo e Daniella Rebouças Silva.

PELLEGRINI FILHO, Américo. Ecologia: cultura e turismo. Campinas: Papyrus, 1993.

RUSCHEL, Rui Ruben. Torres tem história. Porto Alegre: EST, 2004.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Turismo Básico. 4ª edição. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

SWARBROOKE, John. Turismo Sustentável - Turismo Cultural, Ecoturismo e Ética. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2000.

⁵ Os livros que não aparecem como citação foram considerados como obras consultadas, auxiliares na formação de opinião dos autores.